



Por uma sociologia dos emissores, a urgência dos estudos referentes ao *ethos* jornalístico¹

Geilson Fernandes de Oliveira²

Maria Adriana Nogueira³

Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Resumo

Muito se fala na atualidade sobre a imprensa e o seu poder de influência na sociedade, mas pouco têm-se estudado sobre os profissionais que a compõe – os jornalistas. Nesta perspectiva, o estudo aqui apresentado, enquanto um breve recorte de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, objetiva tornar visível a necessidade dos estudos referentes à identidade (*ethos*) profissional dos jornalistas na atual conjuntura, como forma de preencher as lacunas existentes no estudo do campo jornalístico; visualizando a pesquisa empírica como uma das formas mais profícuas para estes estudos. Neste artigo, partimos do pressuposto de que compreender uma forma de ser/estar, agir, falar e ver o mundo dos profissionais do jornalismo possibilitaria a composição de uma sociologia dos emissores, e conseqüentemente, uma melhor compreensão sobre os mecanismos que alicerçam o fazer diário dessa profissão.

Palavras-Chave: Jornalismo; *Ethos*; Emissores.

Estudos em Comunicação e Jornalismo – Histórico e Necessidades

Os primeiros estudos do campo da comunicação surgem a partir do ano de 1920, mesmo período da Primeira Guerra Mundial. Tais estudos não aparecem como apenas uma ambição de se saber mais sobre o fenômeno da comunicação e seus meandros, mas como uma verdadeira necessidade, tendo-se em vista a sua força nas sociedades. Nesse momento de guerra, o jornal impresso, juntamente com o rádio foram os veículos mais utilizados para a propagação de discursos ideológicos, que amparados por estes novos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação - 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, email: geilson_fernandes@hotmail.com

³ Estudante de Graduação – 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, email: nogadriana@yahoo.com.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, email: marciliamendes@uol.com.br



meios atingia um número cada vez maior de leitores e ouvintes, exercendo cada vez mais influência e domínio sobre a formação da opinião pública, como logo viria atestar Walter Lippmann (2008).

Foi nos Estados Unidos e na Europa que se concentraram os primeiros estudos, de onde surgiram conceitos e ideias utilizadas até hoje.

Nos EUA se desenvolveram estudos em torno da *mass communication research*, com o objetivo de analisar e compreender o aumento da circulação dos jornais impressos, o rápido advento do rádio, do cinema, etc. Datam deste período os estudos clássicos de Lippmann, Lasswell, Merton, Kartz e Lazarsfeld. Já na Europa, o que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt lançava as bases de uma teoria crítica do meio social. Theodor Adorno, Horckheimer e Walter Benjamin eram os seus principais representantes. Adorno, assim como Horckheimer possuía visões mais radicais quanto da influência da comunicação nas pessoas, vendo-a como algo alienante, enquanto Walter Benjamin via tal problemática de forma mais esperançosa. Concomitante a este período, é também na Europa, mas especificamente na Inglaterra que surgem os “Estudos Culturais”.

No Brasil, somente nos anos de 1970 após a chegada da televisão estes estudos ganham um impulso, mas ainda de forma tímida.

Todavia, se nesses períodos observamos a efervescência dos estudos na área de comunicação, logo após a eles encontramos uma queda no que diz respeito às pesquisas realizadas. E se pararmos para analisar a situação destes estudos em nosso país na atualidade, percebemos a sua retomada, mas ainda em seus passos iniciais.

E estendendo esta problemática para o campo jornalístico, o qual é o objetivo principal deste estudo, verificamos a existência quase que superficial de estudos referentes a esta atividade profissional, e menos ainda os estudos referentes ao jornalista enquanto agente estruturante da sociedade. De acordo com Traquina (2005) “o estudo dos jornalistas foi esporádico ao longo do século XX” (p. 152), e, além disso, os seus primeiros estudos foram feitos por estudiosos de outras áreas, pois a profissionalização (cursos superiores de jornalismo) ainda é recente, o que nos faz chegar a outro ponto, a maioria das pesquisas existentes tanto na área de comunicação, como na área específica de jornalismo vem sendo realizada, não de hoje, por estudiosos de outras áreas, principalmente da Filosofia e das Ciências Sociais, mas aqui isto não é visto como um grande problema. Nessas situações diálogos entre os conhecimentos diferentes ocorrem, gerando bons resultados. O que aqui defendemos é a inserção também dos próprios



profissionais da área específica na pesquisa, bem como um estudo que comece investigando o agente primeiro da informação noticiosa – o jornalista, assim como conhecer os mecanismos constituintes da construção de sua identidade, do seu *ethos*.

Porque estudar o *ethos* jornalístico?

Muito se tem falado ultimamente sobre a imprensa, mas pouco têm-se parado para se estudar os seus profissionais. Os jornalistas, enquanto agentes possuidores de poder para decidir e identificar os fatos relevantes para serem noticiados, incrivelmente ainda são pouco estudados. Sabemos quanto o campo jornalístico, assim como o da comunicação é vasto, principalmente em se tratando de objetos para pesquisas, mas não vemos aí o motivo para este *déficit*. Estudar o jornalista é procurar saber quem são aqueles que sobre nós enquanto parte da sociedade tem tanto poder, de onde emana um tipo de domínio visto em sua forma mais representativa por meio das construções das notícias.

Gomes (2003), em sua obra *Poder no Jornalismo*, destaca a importância dos *medias* e do jornalismo na modelização da sociedade (p. 45), pensamento semelhante ao de Robert Park, jornalista americano convertido ao longo de sua experiência em sociólogo, o qual considerava como função primeira da notícia “[...] a de orientar o homem e a sociedade num mundo real. À medida que ela consegue isto, a notícia tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade” (BERGER, MAROCCO, p. 69, 2008). Park via a notícia como um agente estruturante da sociedade, na sua percepção a mesma colocava ordem em um mundo caótico e problemático.

Nestas considerações, observamos algo em comum e justificante do presente estudo: o jornalismo e a notícia agiriam como administradores do meio social. Mas aí nos indagamos: quem faz o jornalismo, assim como as notícias? A resposta aqui, por mais clara, nos revela aquilo por nós defendido. O jornalista, enquanto profissional que tem o controle sobre as notícias, tem também controle sobre a sociedade. Assim sendo, o estudo destes profissionais, buscando-se compreender a sua identidade (*ethos*) esclarecerá ao menos uma pergunta, o porquê de as notícias serem como são, assim como trará a luz respostas sobre os mecanismos que alicerçam o fazer diário da profissão.



Utilizando a pesquisa empírica como ferramenta para construção de um perfil jornalístico

Para todo e qualquer pesquisador, uma de suas maiores preocupações se refere à qual percurso metodológico enveredar, uma vez que a metodologia escolhida deve ser adequada ao estudo proposto, como também fornecer instrumentos satisfatórios.

Contudo, independente do percurso metodológico, o que visualizamos hoje é uma valorização, merecida, aos estudos onde são utilizados recortes empíricos.

E para o estudo aqui proposto, consideramos a pesquisa empírica como satisfatória para a construção de um perfil dos jornalistas, como fez Travancas (1993) em *O mundo dos jornalistas* e Traquina (2005) em *Teorias do Jornalismo – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Nas duas obras, verificamos o quanto a empiria, mesmo sendo utilizada de formas distintas, pode ser profícua na realização de uma investigação que busca dados mais relevantes e convenientes obtidos a partir da experiência.

Podemos considerar a valorização da pesquisa empírica como decorrência do fato de nela ser oferecido maiores possibilidades de concretude nas argumentações, por mais tênue que possa ser a base do objeto pesquisado. Permitindo, além disso, a possibilidade de se chegar a novas conclusões por meio da experiência.

Outro fator pertinente para o uso da empiria nos estudos do campo da comunicação e do jornalismo vem do fato dessas áreas serem historicamente ligadas com a *práxis*, bem como por fazerem parte das ciências sociais aplicadas, tornando-se merecedora de maiores atenções e análises aprofundadas, deixando-se de lado possíveis preconceitos e conflitos entre a teoria e a prática, uma vez que uma não é o contrário da outra, sendo complementares.

O jornalismo muitas vezes é tido como apenas um saber prático, adquirido no cotidiano, mas nem por isso pode deixar de ser estudado e analisado, e a pesquisa empírica nos fornece as ferramentas necessárias, fazendo um recorte da situação social vista como um objeto, analisando mais as práticas, enquanto partes de uma estrutura social, implicando em um, ou vários recortes da totalidade, centrando-se nos aspectos das relações entre os sujeitos, abordando dimensões do pesquisador com o meio pesquisado.



Foi a partir deste modo de pesquisa, como já citado anteriormente que Travancas (1993) e Traquina (2005) conseguiram resultados satisfatórios e chegaram as suas conclusões em suas respectivas obras.

Travancas (1993), fazendo uso da pesquisa empírica, amparou-se no método etnográfico e adentrou no mundo dos jornalistas, na sua segunda casa – as redações. Estando ali por um tempo determinado, ela observou como é o dia-a-dia desses profissionais, quais suas principais dificuldades e necessidades, bem como suas características mais marcantes, que são constituintes, segundo a autora, de um *ethos* profissional.

Já Traquina (2005) por meio de seu recorte empírico, buscava respostas quanto da possibilidade de os jornalistas fazerem parte de uma comunidade interpretativa transnacional. Visando a obtenção de resultados, ele selecionou cinco jornais de três continentes diferentes e observou a publicação de notícias nestes veículos durante três meses. Como conseqüências desse recorte foram apresentados resultados satisfatórios, os quais comprovaram que os jornalistas, mesmo sendo de países diferentes partilham de uma cultura profissional semelhante, com formas de agir, maneiras de enunciar e ver um fato, assim como critérios de noticiabilidade e valores notícia também similares, confirmando a sua hipótese.

Estudos relacionados à temática proposta

Além de Travancas (1993) e Traquina (2005), encontramos também alguns outros autores que tratam do assunto discutido.

Estabelecendo uma ordem cronológica para discutirmos sobre as reflexões desses teóricos, temos inicialmente o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1980) possuidor de um vasto campo de estudo, também dedicou-se a esta temática, estabelecendo suas teorias e conceituações, por exemplo, acerca do *habitus*, que podemos muito bem aplicar ao campo jornalístico. Esse *habitus* pode ser visto como um saber prático, espontâneo e interiorizado, fundamentado num princípio de economia da *práxis*, inevitável na vida cotidiana (BARROS FILHO, p. 45, 2003). Este saber prático interiorizado poderia ser comparado, de acordo com Bourdieu (1980) a um maestro que comanda as diversas partes da ação do sujeito nos diversos campos onde ele está inserido (p. 115). A repetição/vivência no campo jornalístico seria então o principal responsável pela existência de um *habitus* e um *ethos* profissional. Além destas



reflexões acerca da nossa temática, Bourdieu mostrou-se como referência de muita importância também através de seus pensamentos e ideias concernentes aos “modos de ver o mundo dos jornalistas” como será visto mais adiante.

Medina (1982) em *Profissão jornalista: responsabilidade social*, delinea as conseqüências advindas com a escolha da profissão de jornalista, visualizando este como detentor de grande poder de influência na formação de opiniões. Para ela, o profissional desta área, deve possuir conhecimento de suas responsabilidades.

Já Vieira Filho (1991) em *Complexo de Clark Kent: são super heróis os jornalistas?*, também adentra nessa questão. O autor entrevistou e colheu opiniões de vários profissionais de destaque do jornalismo de nosso país em resposta a sua hipótese teórica - a mesma do título de sua obra. Vieira Filho (1991) chegou à conclusão de que sim, os jornalistas muitas vezes identificam-se com os super-heróis, dado o fato de enfrentarem obstáculos como o tempo, ser o guardião das sociedades democráticas, como também estar lidando diretamente com o interesse público. Além disso, o fato de ser jornalista requer o exercício da profissão durante as 24 horas do dia, do mesmo modo que para ser herói também se necessita dessa disponibilidade, muitas vezes vista como uma “doação”.

Como dito anteriormente, afora as suas considerações sobre o *habitus*, em sua obra *Sobre a Televisão*, Bourdieu (1997) ainda destaca as formas diferenciadas de ver dos jornalistas, segundo ele, “os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem” (p. 25, 1997). Esta característica peculiar, podemos constatar, não deixa de ser parte constituinte de um imaginário ideológico da profissão, de sua identidade. Sua concepção de mundo e de sociedade, está diretamente ligada à sua vivência profissional, e é esse *ser* jornalista, que os define e os distingue.

Para alguns, estes teóricos citados podem parecer como já suficientes para uma pesquisa e a construção de uma teoria, mas observamos que o jornalismo assim como o mundo está em permanente mudança, e isto por si só dispensa maiores explicações sobre a necessidade de novos estudos. Barros Filho (2003), afirma:

O sujeito se incorporou tardiamente ao estudo da comunicação de massa. A reflexão acadêmica sobre a informação limitou-se durante as seis primeiras décadas do século XX aos objetos de sua produção, veiculação e efeitos sociais. Eram, via de regra, excluídos do processo o sujeito emissor e o sujeito receptor. (p. 35)



Segundo o autor, tanto o sujeito emissor, aqui visto como os jornalistas, quanto os receptores foram esquecidos nos estudos da área, e Mauro Wolf (2005) é um dos poucos a tentar construir uma sociologia dos emissores. Assim sendo, talvez este seja o momento propício para preenchermos estas lacunas.

Considerações Finais

A proposta desta pesquisa em desenvolvimento, parte do pressuposto de ainda serem poucos os estudos referentes ao *ethos* jornalístico e sua influência na sociedade. Assim sendo, visualizamos como sendo urgente a sua necessidade, para uma maior investigação sobre os mecanismos que influenciam a construção de uma identidade profissional, como também qual forma de influência essa identidade pode exercer sobre os demais.

Nosso objetivo primeiro no presente estudo foi fornecer informações representativas referentes ao *déficit* desta temática, acreditando-se que somente estudos empíricos seguidos sobre a mesma poderá preencher tais espaços, e quem sabe construir uma sociologia dos emissores do jornalismo, onde os estudos e reflexões sejam constantes e atentos às mudanças sociais ocorridas nessa aldeia global.

Se compreendermos quem são os emissores das notícias, o seu *habitus* e *ethos* profissional, muito certamente saberemos um pouco mais sobre as informações por nós recebidas, como também o porquê de as notícias serem como são, e quem sabe o porquê de a sociedade ser como ela é. Não que queiramos superestimar a comunicação e o jornalismo, mas sabemos que ambos, são agentes estruturantes, detentores de potencial influência sobre as pessoas e a sociedade.

Compreender uma forma de ser/estar, agir, falar e ver o mundo dos profissionais do jornalismo possibilitaria então uma melhor compreensão sobre os mecanismos que alicerçam o fazer diário dessa profissão, e quem sabe, essa sociedade que a cada dia mais é cercado pelos diversos *medias*.

Referências

BARROS FILHO, Clóvis de; SÁ MARTINO, Luis Mauro. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.



BERGUER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Le Sens pratique**. Paris, Minuit, 1980 in BARROS FILHO, Clóvis de; SÁ MARTINO, Luis Mauro. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. – São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2003.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIEIRA FILHO, Geraldo. **Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?**. São Paulo: Summus, 1991.